

ARTOS DE TODOS OS PAISES, LINHA

AVANTAGE

ORGÃO DA LIGA COMUNISTA INTERNACIONALISTA - (BOLCHEVÊNICA)

Ano V/ nº 19 PREÇO: 100 rs.
Rio de Janeiro, 22 de fevereiro
de 1934.

ENDEREÇO PARA A NOSSA CORRESPONDÊNCIA:
Marcelo V. Araújo - Calle Santiago do
Chilo, nº 1072 - Montevideo (Uruguaí)

O DESPERTAR DO PROLETARIADO INTERNACIONAL

A LUTA HEROICA DOS OPERÁRIOS AUSTRIACOS CONTRA O BANDITISMO FASCISTA

Os operários da Austria estão nesse momento empenhados numa luta heroica, de vida ou morte, contra o fascismo. Apesar de toda a combatividade do proletariado austriaco, são muito duras as condições de sua luta, tendo de enfrentar uma tremenda ofensiva dos fascistas da Austria unidos aos da Itália, sob um governo bonapartista que desempenha ali o mesmo papel que Von Papen na Alemanha. E para essa luta, com que direção conta? Na falta completa de um Partido Comunista, diante da dorrocada da 3ª. Internacional que já deixou há tempos de ser guia do proletariado mundial na Revolução para ser uma simples agência de propaganda do governo soviético, completamente desligada das massas, e a internacional reformista, organização que há há vinte anos traiu o proletariado que a seguia, e abandonou os princípios revolucionários para servir de agência da burguesia, no seio da classe operária, - que está cabendo a direção das massas na sua defesa contra a reação fascista! Por isso mesmo, pode-se dizer que o proletariado austriaco, nesse momento decisivo, está entregue a si mesmo.

Na França também, o proletariado iniciou o combate a reação da direita e dos fascistas sob a direção, desgracadamente, do Partido Socialista. Mas ali as condições objetivas são outras. A luta está apenas começando; o proletariado francês, diante da lição trágica da Alemanha e da experiência austriaca, parece que não está disposto a

(Continúa na pag. 8)

CONTRA O BANDITISMO POLICIAL!

Não contente de prender, deportar e espancar os militantes operários, a policia de São Paulo já organiza emboscadas para assassinar até mesmo os chefes de partidos legais e reformistas, simplesmente porque estes fazem frente unica com os comunistas na luta contra o fascismo, e porque os politiquinhos da C.U. temem a concorrência de quaisquer partidos de oposição nas proximas eleições. O banditismo agora está oficializado, e é executado pelas delegações de "ordem" social e politica, a mando de magnatas e figuras de destaque da burguesia, como o bandido J. C. de Macedo Soares, deputado da C.U. na Assembleia Constituinte e organizador de uma liga contra o comunismo. Agora, o proletariado quando se mobiliza na luta pelas suas reivindicações mais prementes esbarra com o gangsterismo organizado pelos fascistas, pela policia e pelos grandes industriais em frente unica, e para o proletario não há mais menor garantia de vida.

Proletarios! Só pela força poderis defender-vos e as vossas familias contra o banditismo policial! E só unido-vos sereis fortes! Levai os vossos organismos para a Frente Unica Antifascista, e contribui para que se faça dessa Frente Unica uma organização de massa sólida e disciplinada, capaz de opor um dique a furia desesperada de que está possuida a burguesia nesta sua ultima fase de declínio! Organizemos a nossa milicia proletaria!

PELA COMPLETA LIBERDADE DE REUNIÃO, DE ORGANIZAÇÃO E DE IMPRENSA PARA O PROLETARIADO!

...r entrando uma por uma as posições sem combate, como o fez a classe operaria alemã, sob a chefia dos seus dois partidos do classeso, o Partido Socialista e o Partido Comunista, que preferiram capitular totalmente e oferecer a menor resistência; e nem a acceitar a luta numa situação desesperada, como esta fazendo agora o proletariado da Austria, obrigado a entrar em combate no ultimo instante, quando todas as posições anteriores já foram perdidas, devido a politica de recuos e contemporizações dos chefes austro-marxistas. Os trabalhadores de França ainda estão com as suas posições intactas, as suas gloriosas tradições politicas e democraticas cimentadas por um seculo de heroismo e de martirio culminadas na Comuna estão bem vivas: tudo ha ainda que supor de desenvolvimento da luta de classes na França, e não é sem razão que se voltam para lá hoje as esperanças do proletariado revolucionario. O proletariado francês, que, por certas circunstancias objectivas, é o ultimo a entrar em luta, tocado pela desagregação da crise economica mundial, é o derradeiro baluarte de defesa contra a invasão do fascismo.

A burguesia internacional sabe unir-se, pondo do lado mesmo os seus choques de interesses, momentaneamente, quando se trata de camagar o proletariado de um país; mas o proletariado, por falta de uma organização verdadeiramente internacionalista, fica isolado nas suas fronteiras, tendo de combater sozinho contra a burguesia

de varios países. E a URSS, que deveria ser a sentinela avançada do proletariado mundial na sua luta, fica inteiramente indiferente, so se preocupando com a sua pseudoconstrução do "socialismo num só país", essa pura utopia reaccionaria. É preciso afirmar sempre que a realização do socialismo dentro das fronteiras nacionais russas é tarefa muito mais difficil e muito mais longinqua do que a de propagação e da realização da revolução proletaria mundial.

Agora, diante do heroismo do proletariado austriaco, o que se pôde medir em toda a sua vergonha e hediondês a infame capitulação sem combate e sem honra dos dois grandes partidos proletarios da Alemanha diante de Hitler. Si houvesse agora uma Internacional revolucionaria, o proletariado austriaco não se encontraria como esta, isolado, numa luta desesperada em defesa de sua existência e de sua bandeira. O proletariado europeu seria então mobilizado em torno da palavra de ordem de defesa do proletariado austriaco, pela revolução proletaria na Austria! Formidaveis perspectivas historicas se abriam para o proletariado de todo o mundo.

A Terceira Internacional deixou de existir, a Segunda Internacional é um cadaver. Viva a Quarta Internacional, verdadeiramente internacionalista, verdadeiramente comunista!

OPERÁRIOS! INGRESSAI
PARA O VOSSO SINDICATO
DE CLASSE!

.....
A DIPLOMACIA SOVIÉTICA NO TEMPO DE LENINE E NO TEMPO DE STALINE

Em 1918:
8 Como o Congresso Soviético respondeu a mensagem do Presidente Wilson:
8 "A República Soviética aproveita a ocasião apresentada pela mensagem do Presidente Wilson para manifestar a sua solidariedade a todos os povos que soffreram os horrores de uma guerra imperialista, e a sua firme convicção de que não está longo o momento feliz em que os trabalhadores de todos os países não do por abaixo o capitalismo e estabelecer um regimen socialista, o unico que podera assegurar uma paz justa e duradoura e contribuir para a civilização e a prosperidade dos trabalhadores.

Em 1933:
Temos do acôrde celebrado entre a URSS e os Estados Unidos:
"A URSS compromete-se a:
.....
4. Não permitir a formação ou residência em seu territorio de qualquer organização ou grupo - o impedir a actividade em seu territorio de qualquer organização ou grupo, ou de representantes ou officiais de qualquer organização ou grupo, - que tenha por finalidade uma mudança ou a dorrocada da ordem politica ou social da totalidade ou de qualquer parte dos Estados Unidos, de seus territorios ou possessões."

MAIS UMA INFÂNCIA DOS STALINISTAS

Desgraçadamente, ainda somos obrigados a gastar um pouco do espaço disponível de nosso pequeno jornal com os indivíduos conhecidos nos meios operários do Brasil, como nos outros países do mundo, com o nome de "chefes stalinistas". Já não podemos polemizar com eles no terreno da doutrina e da política. Temos unicamente, agora, de nos ocupar em guarda contra as calúnias repetidas desses traidores internacionais do proletariado. A última dessas calúnias se prendeu nos acontecimentos verificados nas oficinas do jornal "A Nação", do Rio de Janeiro.

Resumamos os fatos: Nas oficinas do referido jornal dois chefes amarelos se hostilizavam. Um deles, para desprestigiar o rival e banhar de "conduto" do massas", tanto fez, tanto intrigou, que provocou um autêntico "lock-out" patronal. Acompanhou os operários despedidos, mas pouco depois, para se limpar nos olhos do patrão, o miservol voltou às oficinas para ajudar a paginação do jornal. No dia seguinte, o ex-quadro do jornal "A Batalha", prejudicado anteriormente pelo capanga Stepple, o provocador do "lock-out", foi aliciado pelo rival do dia, o capanga Abdianok. Entre os elementos aliciados se encontravam vários socios da U.T.G. do Rio. O valoroso sindicato gráfico, assim que teve conhecimento do gesto dos seus adorados, embora reconhecendo que vários deles foram embrialhados no negócio pela língua do aliciador, resolveu expulsá-los do seu seio.

Os stalinistas, contando os fatos a seu modo na "Classe Operária" do 30 de dezembro último, dizem que os crumiros eram "trotskystas" ou apoiados pelos "trotskystas". Essas coisas, que têm a audácia de se dizerem revolucionários, escondem matreiramente todo o resultado do inquerito levado a efeito pelos companheiros da U.T.G. o que resultou na expulsão dos gráficos aliciados por Abdianok. Esquecem ainda a circunstância, muito importante, de que na comissão do inquerito da U.T.G. se encontrava um camarada nosso, isto é, um "trotskysta", ou para falar em língua do gesto, um membro da Liga Comunista Internacionalista. Escondem ainda o fato de que entre os elementos apontados como "trotskistas", apenas um portoneira, na ocasião, a Liga Comunista; três passaram pelas nossas fileiras há tempos, sendo excluídos por indisciplina e divergências doutrinárias. Escondem ainda o fato de que foi precisamente o membro da Liga Comunista que, ao verificar surpresa que fora aliciado como crumiro, denunciou o fato, aceitando plenamente a pena severa que lhe era imposta, embora provando a boa fé com que agira.

Pois bem. Entre os elementos aliciados por Abdianok, temos notícia de que havia também alguns stalinistas. Nós, porém, por uma questão elementar de ética proletária, não os denunciaremos. Não somos "polícia" do 20 de dezembro. Os chefes stalinistas, aliás, se aproveitam desta diferença de métodos para mais folgadamente nos caluniar e denunciar a polícia, delatando vários gráficos, no seu sujo jornalão, como "trotskystas".

Os mentores do stalinismo não se contentam com as traições, que culminaram com a capitulação vergonhosa diante do Hitler. Utilizam-se também da polícia na sua luta encarniçada contra os comunistas internacionais. O que se passa no Brasil constitui apenas uma repetição de fatos registrados em todos os países do mundo, como na França, ultimamente, onde o Socorro Vermelho, que toda a gente sabe ser um pseudônimo do ex-Partido Comunista, do Partido de Stalino, fazendo frente única com o fascista Coty, pediu a expulsão daquele país do cam. Trotsky.

Aliás, estamos hoje convencidos de que, no chamado partido comunista, tapando miservolmente alguns operários sem experiência política e de muita boa fé, existem agentes diretos da polícia. Excusado dizer que esses agentes provocadores pagos pela polícia são sempre inimigos fiéis da Liga Comunista e fazem questão de dizer em altos brados e com rubra indignação que o camarada Trotsky é o maior contra-revolucionário que a história conhece... Os policiais acham que agindo assim o seu trabalho será mais eficiente. E nisto os policiais têm toda a razão.

E agora, para terminar: o único membro da Liga Comunista que foi envolvido nos acontecimentos da "Nação" foi excluído de nossas fileiras. Os stalinistas teriam feito o mesmo com os seus companheiros?

TROTSKY E A DEFESA DA UNIÃO SOVIÉTICA

É formidável o cinismo com que os stalinistas sabem mentir. Agora que os partidos nacional-comunistas estão cada vez mais desaparecendo na cena política, para dar lugar, na luta contra a guerra, contra o fascismo, na atividade eleitoral e em todos os campos da atividade prática, a comitês pequeno-burgueses compostos de pacifistas e "amiguinhos da URSS"; agora que o stalinismo está saindo definitivamente do campo proletário para os círculos de pequenos e até grandes burocratas, que já tomam com um lugar na embaixada brasileira na UR; agora que a 3ª. Internacional não tem mais um só partido proletário de massa, e que, por outro lado, os comunistas internacionalistas começam a agrupar as massas de todo o mundo em torno da palavra de ordem de criação de uma organização proletária internacionalista, - agora é que os stalinistas, no número de 7 de novembro de "Classe Operária", se lembram de vir "deixar a última pá lá no túmulo do 'trotskysmo'". E como o pretendam fazer? Com a afirmação de que, sendo a substituição dos governos burgueses mais ou menos democráticos por governos fascistas um preparativo dos capitalistas para iniciar a ofensiva contra a ditadura proletária, a União Soviética está em perigo, e que Trotsky sempre desconheceu ou fingiu desconhecer esse perigo! Isso, para de todos os artigos de compareado Trotsky sobre o fascismo estão aí para serem lidos, quando estão nas livrarias, em "Revolução e Contra-Revolução na Alemanha", os artigos de Trotsky escritos desde 1930, prevenindo o proletariado de todo o mundo contra o perigo que a ascensão de Hitler representava para a ditadura do proletariado. Nesse tempo, os burocratas estavam na plena teoria do "social-fascismo", segundo o qual Hitler não viria mudar em nada a situação na Alemanha, por ser a mesma coisa que os socialistas. E este ano ainda, quando Hitler assumiu o governo, quem foi que deu o sinal de alarme contra o perigo que isso representava para a União Soviética? Os nacional-comunistas ou nós? Que os nossos camaradas consultem os jornais bolcheviques-leninistas e os dos stalinistas e verifiquem. Pois bem, agora é que os stalinistas acordam a voz, ainda aferrando os olhos, "arrázar Trotsky" porque ele "não quer defender desse perigo a União Soviética!" Numra coisa é preciso fazer justiça aos nacional-comunistas: não têm habilidade alguma na colúmbia.

Não! A vanguarda do proletariado sabe que os comunistas-internacionalistas nunca subestimaram nem subestimam o perigo que ameaça a União Soviética. O que os internacionalistas condenam é o manobra por que a camarilha stalinista pretende defender-se. Não será com "pactos de não-agressão e amizade", com compromissos que a burguesia assinou, quando todos nós sabemos muito bem o que vale a "palavra da burguesia", e comprometendo-se por sua vez a abandonar o internacionalismo proletário, não é com banquetes, excursões aéreas e fregues ócas sobre o "amigo tradicional" que liga a Rússia a certos países imperialistas, nem organizando cores de pequenos burgueses pacifistas a entoar o hino: "paz na terra aos homens do bom ventado!", que se vai defender a União Soviética. O Sr. Roosevelt e o Sr. Herriot só defenderão a URSS si Stalin levar as suas capitulações até o fim, abrindo mão da socialização de propriedade na URSS e entregando o proletariado russo aos imperialistas. O imperialismo jamais se defenderá uma Rússia colônia americana, uma ditadura proletária ele nunca poderia defender. E só acreditará nessa possibilidade quem tiver esquecido todos os ensinamentos de Marx e de Lenine, até o primeiro, o mais essencial, o ABC do ABC do comunismo: que há duas classes, e ou se está com uma ou com a outra. Para os nacional-comunistas, não é assim que se põe a questão; para eles, não se trata mais de classe, mas da nação. Tal país burguês é inimigo, e tal outro, igualmente burguês, é amigo. Mas nós, comunistas internacionalistas, sabemos que para defender a ditadura do proletariado é preciso que os proletários de todos os países se unam contra os exploradores de todos os países. Só o proletariado internacional, correndo fileiras numa organização verdadeiramente revolucionária internacionalista que virá substituir a 3ª. Internacional afixada pelo stalinismo e que se compõe de verdadeiros partidos de massa proletária, poderá, combatendo o capitalismo internacional, transformando em guerra civil e guerra imperialista, defender a União Soviética e restabelecer o caminho de Lenine.

59

p. 5

A ÚLTIMA GREVE DOS FERROVIÁRIOS

(Correspondência operária.)

Peço hospitalidade a este valente órgão da esquerda proletária para fazer algumas considerações sobre a última greve dos ferroviários da E. F. Sorocabana, procurando, ao mesmo tempo, salientar os erros dos movimentos análogos em que tomaram parte precedentemente as operárias da São Paulo Railway. Como trabalhador manual que sou, sou tímido literário de espécie alguma, aqui cuidarei somente da seriedade da minha documentação, deixando de lado as frases bonitas.

A organização sindical dos operários das estradas de ferro do Estado de São Paulo é de data muito recente. Outro aspecto interessante deste movimento é de ter o mesmo nascido, por assim dizer, espontaneamente, isto é, sem ter sido impulsionado por uma federação sindical ou por um partido político. A iniciativa da organização sindical dos ferroviários de São Paulo deve-se a alguns operários da esmerilhadora inglesa que, através do curto trecho Jundiaí-Santos controla e domina todas as comunicações e toda a economia paulista. É sintomático o fato da absoluta ausência do atual Partido Comunista (que pretende ser a vanguarda revolucionária do proletariado...) neste trabalho organizatório, tendo-se em vista a importância excepcional da organização dos trabalhadores dos transportes.

É natural que um sindicato como o da S.P.R., novo, sem o apoio das outras forças proletárias, sem ter ainda adquirido um alto grau de consciência de classe, e não possuindo um quadro de organizadores e propagandistas, jogado, logo ao nascer, num movimento de vasta envergadura, deveria cair vencido. Isto em relação ao primeiro embate.

Na greve de maio de 1932, as razões do revés sofrido devem-se a duas: na deserção de um sindicato momentaneamente aliado e no caráter político que o Partido Comunista quis imprimir a força no movimento que era estritamente econômico.

Além disso houve outras falhas, especialmente de ordem tática e prática.

Por exemplo: em maio de 1932, logo do início faltou a unanimidade na atuação da greve devido ao fato que esta em lugar de ser declarada à meia-noite - hora em que a maioria das seções da S.P.R. trabalha com um pessoal grandemente reduzido, foi levada ao conhecimento dos interessados às oito horas da manhã, isto é, no instante dos operários começar o trabalho. Outra falha: o Comitê da greve não tendo constituído comissões de agitação em cada seção, não se realizou a esperada paralisação simultânea dos serviços. Foi também grave erro ter formado o comitê da greve a revelia dos grevistas, porque a massa não pode depositar sua confiança em pessoas que não conhece.

Haja visto, agora, o que se deu na recente luta dos ferroviários da Sorocabana: todos os erros de ordem prática justamente criticados e condenados nos movimentos passados foram repetidos inconscientemente, mas com uma fidelidade espantosa.

Como isso não fosse bastante, chegou-se à estupidez de se fazer uma luta ilegal, com um sindicato oficial, e portanto legalíssimo. Um movimento sindical ilegal é quasi sempre boateira. No caso da greve da Sorocabana foi mesmo um erro. Além disso, uma greve que quer ser pacífica não pode ser clandestina. A ninguém é dado ignorar a importância da opinião pública diante de todo o qualquer acontecimento, quanto mais de uma paralisação de uma grande estrada de ferro. Agora, até o último minuto, ninguém sabia nada do que ia acontecer. Nem a imprensa, nem as organizações proletárias. O Comitê da greve não cuidou ao menos de assegurar a ligação com os grevistas do interior. A propaganda foi inteiramente esquecida. Nem ao menos um boletim foi tirado; o jornal do sindicato, ou da greve não saiu!

(Continua na pág. 7)

**PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES! PROLETÁRIOS DO BRASIL!
SOLIDARIZAI-VOS COM O HEROICO PROLETARIADO AUSTRIACO QUE ESTÁ
SENDO MASSACRADO PELOS BANDOS FASCISTAS E PELO EXERCITO DE
DOLFUSS!**

A REAÇÃO BURGUESA E O PARTIDO SOCIALISTA

A luta desencadeada pela Frente Única Antifascista, está dando os seus frutos. O Partido Socialista, partido reformista típico, de ideologia essencialmente pequena-burguesa, mostrou na ação essa característica hesitante de toda organização inspirada pela pequena burguesia. Isto ficou bem patente por ocasião dos acontecimentos do janeiro. Analisemos essas hesitações.

No dia 25 de janeiro, tanto ao abrir como ao encerrar o comício da praça da Estação do Norte, seus dirigentes manifestaram falhas e vacilações evidentes. Primeiro, só falaram na comemoração da data da fundação do São Paulo, que este Partido pretendia fazer, "homenagem ao S. Paulo proletário", omitindo o nome da verdadeira organizadora e simuladora do comício - a Frente Única Antifascista, cujo fim ao escolher a data do 25 de janeiro para a realização do comício era de impedir, por uma contra-manifestação, a passante anunciada dos integralistas, naquela data, pelas ruas do São Paulo.

Os socialistas podiam sem violar o programa mínimo o comum da F. U. A. comemorar a seu modo esta mesma data. Nada teríamos a objetar contra isso, pois não podemos ser nem contra nem a favor da data da fundação do São Paulo. Quando o secretário do partido socialista declarava que o seu partido comemorava proletariamente esta data, saudando o "proletariado que construiu São Paulo", ora-lhe um direito. Se poderíamos protestar, o o teríamos feito por todos os meios, denunciando mesmo o fato como uma verdadeira traição a Frente Única, se os socialistas tivessem feito o elogio do governo burguês federal ou estadual ou a glorificação cívica dos tais "bandeirantes" e outros "heróis" reacionários e "patriotas" da burguesia. O que a nós compete, o velar para que as bases da Frente Única não sejam violadas. O erro que cometemos nos socialistas, o o do não terem tido a coragem de falar na Frente Única e nos verdadeiros objetivos do comício. Essa omissão foi corrigida por nós, comunistas internacionalistas, a única organização que levantou bem alto, em frente as patas dos cavalos e as armas da polícia, a bandeira da Frente Única.

Outra atitude errada e hesitante do Partido Socialista se verificou por ocasião dos acontecimentos da rua Barão do Paranapiacaba. Proseguia o feriado Cabanas, que escaparam de ser assassinados, os líderes socialistas restantes, em vez de se atirarem a uma intensa agitação contra a encandalem provocação policial, preferiram aguardar passivamente a marcha natural dos acontecimentos. Foi preciso que a nossa organização lançasse um manifesto de protesto, que os nossos crimes, apesar de serem os elementos mais visados pela polícia por sua atividade comunista ilegal, viessem a público apontar diretamente os provocadores, concitando o proletariado a reagir e lançando as palavras de ordem próprias no momento, para que os dirigentes socialistas se decidissem a sair da inatividade e apelar para as massas contra o ato infame da polícia do Salles de Oliveira. O manifesto da Frente Única protestando contra as provocações policiais foi retardado pelas hesitações dos chefes reformistas. Por seu lado, o líder socialista J. Cabanas também não soube agir politicamente. Depois de se ter defendido bravamente contra a tocaia dos "tipas", a soldo do Macedo Sorros & Cia., negou-se a apresentar-se a polícia, no que fez muito bem. Partindo para o Rio, entretanto, ali omudouco, deixando que os acontecimentos tomassem o rumo que a polícia lhes quis imprimir, deixando que o tempo viesse esfriar a excitação da opinião pública revoltada contra o ato de puro banditismo policial. Cabanas devia ter denunciado publicamente, imediatamente e diretamente os autores do atentado, tanto os mandantes como os mandatários, assumindo claramente as suas responsabilidades, e dando as verdadeiras razões políticas da atitude criminosa dos agentes da ordem política: a luta da Frente Única Antifascista pelas liberdades proletárias. Em vez disso, Cabanas calou, o quando teve ocasião de fazer declarações nos jornais do Rio fo-lo sem a necessária clareza política, não denunciando o modo da grande burguesia paulista em frente a campanha da Frente Única pelas liberdades proletárias ameaçadas pelo fascismo.

Zerongato do Gouveia também não esteve á altura das necessidades do momento. Deixou-se ficar numa atitude inerte diante da bestial repressão da polícia contra as massas proletárias. O seu dever era fazer então, da tribuna da Constituinte, um centro de agitação e de apelo a luta contra os métodos fascistas da polícia do São Paulo. O Partido Socialista precisa controlar melhor a ação do seu representante no parlamento, para que fatos desta ordem não se repitam.

O Partido Socialista não soube na ocasião lançar uma só palavra de ordem imediata para o caso. Preocupou-se exclusivamente, o isso mesmo com atraso, com o lado jurídico da questão, abandonando por com-

A REAÇÃO BURGUESA E O PARTIDO SOCIALISTA (CONTINUAÇÃO)

ploteio e logo político, da necessidade da agitação política de massa, que
ord é essencial para um partido que diz lutar pelo socialismo e pelas
liberdades proletárias.

Essas hesitações entretanto não nos surpreenderam. Elas confir-
mam, pelo contrario, mais uma vez, o prognostico marxista a respeito
das organizações de ideologia reformista e pequeno-burguesa, eternamen-
te vacilantes entre a ação direta das massas e a ação limitada exclusi-
vamente nos quadros estreitos da legalidade burguesa. Dera que o P.S.
não sofresse dessas hesitações, seria preciso que fosse alicerçado pe-
los principios teóricos do marxismo e pela metodologia revolucionária
do bolchevismo leninista.

A politica de frente única, para ser eficaz e progressista, para
não se transformar num pantano em que se afundem as organizações ad-
vontas, chafurdadas as bandeiras e os programas na mais torpe promis-
cuidade, trazendo em vez do esclarecimento a confusão na consciencia
massas, implica na critica vigilante, severa e até acerba ao proprio
aliado, no momento em que ele estrebucha na ação. É o que agora fa-
zemos na relação ao aliado de direita.

A ideia da frente única é uma ideia já agora vitoriosa, e a sua
bandeira já teve as honras do feio. As massas a acatarão entusias-
ticamente e exigem agora mais do que nunca que as responsáveis pela
Frente Única prossigam na luta. Os hesitantes precisam ser expurga-
dos para a frente; os traidores precisam ser apedrejados. Os desortos-
ros da Frente Única denunciados aos olhos do proletariado, e a experi-
ência da ação anterior qualificada com precisão e objetividade. E tudo
isso que agora estamos fazendo.

A ÚLTIMA GREVE DOS FERROVIÁRIOS

(Continuação da pag.)

O sindicato da Sorocabana desdenhou qualquer auxilio e qualquer
contato com a esquerda sindical e no momento de entrar a batalha não
teve a segurança de ter a solidariedade dos demais trabalhadores do
transporte. O movimento irrompeu por cima da direção sindical; foi um
movimento espontâneo da massa operaria da estrada. Os acontecimentos
arrastavam a direção. Houve a pressão e as insidias da Companhia, co-
mo houve tambem a feroz reação policial; ou sei, mas isso devia ser
coisa prevista desde o começo. Corrupção, perseguição e traição, são
coisas que devem ser previstas com antecedência.

Mas os chefes do movimento de dezembro de 1933 não se deram conta
disso; e assim foi que, presos os elementos mais ativos de agitação, a
greve acabou-se logo no começo sem orientação.

Um pouquinho de proceção podia salvar muita coisa. E os líderes
do movimento não quiseram saber de experiencia dos movimentos passados
nem da experiencia dos militantes sindicais mais afetos a luta e mais
conscientes. Em poucas palavras: os operarios foram lançados ao fogo
da luta inermes e sem direção nenhuma, e muitos sem mesmo conhecer as
razões do movimento devido a falta de propaganda. Com tais procedentes
a greve não podia dar surto algum: o sucesso; o sucesso já seria agora.
Os operarios não podem ser conduzidos a luta para não ser constante-
mente devastados.

Batalhas parciais e pontuais sempre um inimigo omnipotente, com o
concurso de toda a massa operaria, são destinadas a derrota e a derro-
ta conheceram sempre o não do cor. as agulhas que confiam ou confiam
no Ministerio do Trabalho, nos governos burgueses e nos "alfarabins"
obrios de honrarias e bordões de autoridade, que se arvoram em defen-
soras do proletariado, mesmo quando estão em conchavos com os detento-
res do poder. Querem nos referir a casos sujos individuos como o
tal deputado claudista Armando Lardner, apunhalador dos proprios ir-
mãos em luta e traidor aos vargasistas.

Os operarios da Sorocabana lutaram com dondo e tenacidade; trun-
pha coragem e tmanha te marcial e mais completo sucesso. Esse su-
cesso, essa vitoria, realizar-se-ão mais cedo ou mais tarde mas so-
sob a condição de que os ferroviarios se libertem dos seus pastores,
retomem o direito e seguro caminho da luta de classes, ao lado dos
demais irmãos de luta e do sofrimento. Numa frente de ação de todos os
explorados e sob a guia duma doutrina revolucionária, esta a certeza
da vitoria.

UM FERROVIÁRIO.

POR FALTA DE ESPAÇO, SOMOS FORÇADOS A DEIXAR PARA O PRÓXIMO NÚMERO UM
ARTIGO SOBRE A DESERÇÃO DOS STALINISTAS DA FRENTE ÚNICA ANTIFASCISTA
E UMA CARTA QUE NOS FOI DIRIGIDA POR VÁRIOS TRABALHADORES DE UM SINDICATO

Qual é a opinião da Internacional Comunista sobre as tarefas da revolução cubana? Que conselhos dá aos trabalhadores cubanos para desenvolverem os seus múltiplos e diversos problemas? E, o que, o mais importante, que planos esta realidade, de carácter prático e concreto, ajuda-os a sacudir de seus ombros o jugo do imperialismo norte-americano? Estas são perguntas de grande importância nos momentos atuais, e tanto os operários revolucionários dos Estados Unidos, como os de Cuba e de toda a América Latina têm o direito a uma resposta sincera e franca.

O problema de Cuba não tem nada de insignificante. Cuba pode muito bem transformar-se no calcão da Aquilão do monstro de Wall Street. As contradições entre a dominação do

imperialismo americano e os interesses vitais das massas chegaram na república antilhana a um ponto explosivo. Durante muitas semanas a luta foi tão intensa que chamou a atenção mundial. Os operários, por sua própria iniciativa, conseguiram apoderar-se de propriedades americanas e até, em certas ocasiões, procederam a formação de sovietos locais. Embora a ilha seja pequena, o levante do seu povo tem uma grande importância estratégica e grande força moral. Os bandidos de Wall Street observam isto com justo receio, no passo que os povos da América Latina e os trabalhadores conscientes dos Estados Unidos o veem com simpatia e esperança. Os piratas do grande capital estadunidense estão prontos para esmagar a rebelião por meio da intervenção armada. É necessário mostrar aos trabalhadores e aos povos a forma de unir os seus esforços com os do proletariado cubano para desfazer os propósitos imperialistas e para o triunfo da revolução cubana.

Sobre este problema o "Estado Maior da Revolução Mundial" deve falar claramente. O Comintern foi organizado precisamente para casos tais e assim agiu nos tempos do Lenino. Em um caso como este - sob a direção do Lenino - teriam sido postas a disposição dos oprimidos e explorados, afim de dirigir a luta pelo caminho reto, as experiências da luta internacional. O Comintern teria feito uso de sua autoridade internacional para unificar a luta e dar-lhe um impulso para frente. Recordai os intrepidos manifestos do Comintern, do Lenino sobre a Irlanda e a Índia, os seus apelos ao soviet da Hungria, aos traba-

lhadores alemães, etc. Ou, mais próxima a nos, recordai a famosa "Carta aos trabalhadores americanos" e uma dezena mais de cartas e resoluções dando a conhecer pública e abertamente a forma como organizar a luta contra o imperialismo lanqui. Nos momentos atuais, tão cheios de possibilidades, o Comintern do Stalin guarda o silêncio mais absoluto. É para além do rotamorte do Stalin, "o melhor discípulo do Lenino", a sua boca deve estar cheia de água, - como diz o ditado - ele não pode pronunciar uma só palavra de estímulo, conselho ou esperança sobre a grandiosa revolta cubana.

Será um plano premeditado, esta política de "não intervenção" na revolução cubana? Ter-se-á feito no convenio de reconhecimento,

AUXILIAR A "LUTA DE CLASSE" É AUXILIAR A REVOLUÇÃO PROLETÁRIA. TODO VERDADEIRO COMUNISTA TEM ESSE DEVER. TODO SIMPATIZANTE DO COMUNISMO DEVE PROVÁR QUE O É, POR ESSA FORMA.

em Washington, alguma promessa explícita de não se intrometer em Cuba? Se não é assim, queiram explicar o significado exato da seguinte cláusula da carta de Litvinoff:

"4. Não permitiremos, (na U.R.S.S.) a formação, ou residência em seu território, do qualquer organização ou grupo - o impedir a atividade em seu território de qualquer organização ou grupo, ou de representantes ou oficiais de qualquer organização ou grupo, - que tenha por finalidade uma mudança ou a derrocada de ordem política ou social da totalidade ou de qualquer parte dos Estados Unidos, de seus territórios ou possessões."

Esta promessa enganadora, que provoca o rubor da vergonha em todo o revolucionário, não se refere a nenhum território na lua. Refere-se direto e concretamente, nos momentos atuais, a Cuba.

A nossa opinião, e o dizemos com garra e brutal franqueza, e que este assunto foi discutido, chegando-se a um entendimento explícito, nas negociações entre Roosevelt e Litvinoff. Se a nossa opinião é errônea, teremos prazer em ser desmentidos. O partido do Stalin tem as possibilidades de fazer-lo. Para isto, entretanto, não bastam as fanfarronadas e as jactâncias, as mentiras e os alaridos. São necessárias, unicamente, umas tantas e simples ações.

Que se publique um manifesto do Comintern sobre Cuba!

(Do "Claridad Proletária", boletim em espanhol da Liga Comunista da América do Norte, nº 5, janeiro de 1934.)